



No living, o toque brasileiro da morada nova-iorquina fica por conta das duas cadeiras de Joaquim Tenreiro, que ladeiam o bufê português do século 18 – sobre este móvel, luminária de mesa de Gio Ponti. As Club Chairs vintage, de couro, são francesas; na parede, tela de Wade Guyton

NOVA YORK ALMA BRASILEIRA

NA CIDADE QUE ESCOLHEU PARA
VIVER, O ARQUITETO
PAULISTANO ANDRÉ MELLONE
CRIOU SUA CASA ECLÉTICA:
COM VERVE COSMOPOLITA E
INSPIRAÇÃO CLÁSSICA
POR JENNIFER GONZALES |
FOTOS FRAN PARENTE | RETRATO
DEAN ISIDRO





Com vista para o High Line e para dois edifícios assinados pelos *starchitects* Jean Nouvel e Frank Gehry, o dúplex do arquiteto paulistano André Mellone e do *art dealer* português André Viana é um misto de modernidade com discreto pendor para o classicismo. Situado em um edifício no bairro do Chelsea, o apartamento de 260 m² reflete a vivência e formação deste profissional de 43 anos, habitante da metrópole nova-iorquina há 18.

Em 2010, a dupla adquiriu duas unidades vizinhas, no mesmo andar do prédio. Mellone comandou uma ampla reforma unindo ambas, e o resultado evoca um estúdio artístico da década de 1920, com grandiosas janelas e pé-direito duplo na área social. Os demais espaços também eram abertos, como um loft, mas a nova configuração gerou ambientes definidos e fechados, a exemplo dos escritórios e dormitórios, antes localizados em um mezanino e, agora, em local circunscrito no segundo andar. Entre o living e a área de jantar, foram instaladas duas colunas. “Elas me lembram o interior de pequenos templos gregos”, diz o arquiteto.

Formado em arquitetura pela Syracuse University, Mellone admira o período moderno e tem igual paixão pelo clássico – mas não o meramente reproduzido. “Dele, apreendemos o sentido da proporção e os materiais. Adoro o estilo dos anos 1930 aos anos 1950 e não trabalho com tendências. Para mim, os grandes designers de interiores são os que misturam tudo, como Jacques Grange, Alberto Pinto e Peter Marino.”

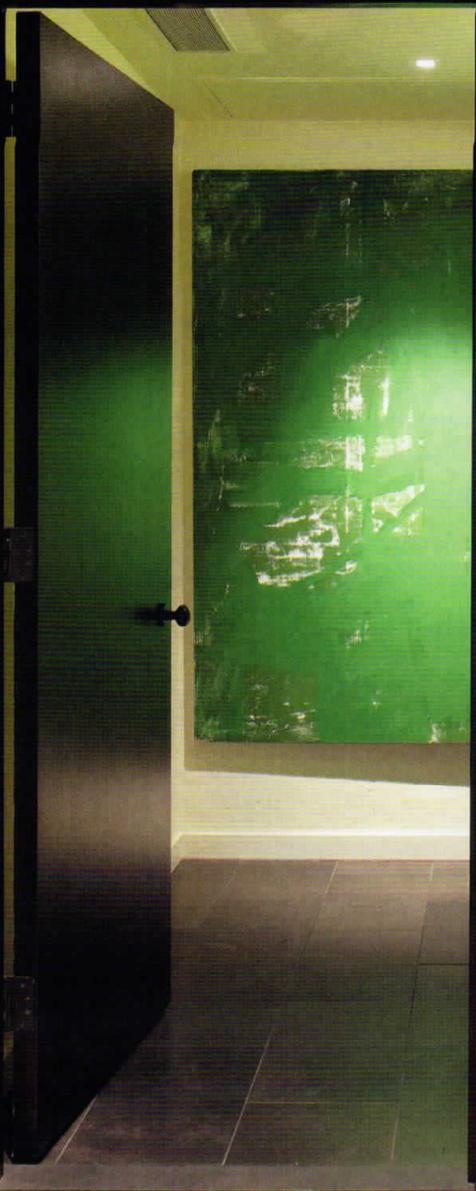
Ao observar a casa desse entusiasmado profissional, detecta-se imediatamente sua visão eclética. No living, as robustas poltronas de couro Club Chair convivem com a leveza da Folding Chair (1949), obra do dinamarquês Hans J. Wegner. Duas mesas de centro vintage são dispostas lado a lado – uma dos anos 1960, de alumínio, e outra pequena, de nogueira, do inglês T.H. Robsjohn-Gibbins. Essas peças repousam sobre um tapete indiano Amritsar, adquirido em um leilão de têxteis na Sotheby’s.

Acima, a biblioteca, com escrivaninha francesa de madeira ebanizada e cadeira de escritório Eames; e, acima, à esq., a sala de jantar, com mesa do início do século 20 e, na parede superior, três telas de Jacob Kassay. Na pág. ao lado, outro ângulo da área de jantar

eca,
ha
idema
deira
amec
, a tall
imesa
culo 20
uperior
acob
E
ângulo
tar



Sóbrio, o lavabo tem tapete de sisal inserido em moldura de madeira – no hall (ao fundo), óleo sobre tela de Zak Prekop. Na pág. ao lado, o escritório do arquiteto, com reprodução de Botticelli na parede central e aquarela feita por Mellone na faculdade



**A BASE DO APARTAMENTO É CLÁSSICA,
MAS O MODERNO TEM SEU ESPAÇO**



rido em
bre tela
critório
parede
culdade



CA,
O



Ac
o arqu
Mello
a fachada
em Chels
ao lad
de hósp
banco de
ferr
um colég
d



Acima, à esq., o arquiteto André Mellone; e, à dir., a fachada do prédio, em Chelsea. Na página ao lado, o quarto de hóspedes, com banco de madeira e ferro vindo de um colégio interno de Portugal

Garimpada em um antiquário de Los Angeles, a mesa da sala de jantar era de um bistrô francês e tem estrutura de ferro fundido com tampo de mármore. “Ela é mais estreita do que o normal, e nossos jantares são bem *cozy*, os convidados ficam sentados bem perto uns dos outros”, observa Mellone. As cadeiras, originais Biedermeier de 1840, possuem assento de crina de cavalo. Três obras do norte-americano Jacob Kassay, de tinta acrílica e pó de prata sobre tela, completam o ambiente. Na sala contígua, a biblioteca é um exemplo de equilíbrio entre luxo e informalidade. A escrivaninha Bureau Plat, exemplar francês de 1720-1730, de madeira ebanizada com ornamentos de latão e douração de ouro, peça de estimação de Viana, aparentemente não tinha lugar na refinada simplicidade do duplex. “É um móvel raro e um pouco ostensivo. Achei que ficaria bem no pequeno escritório, com piso revestido de sisal”, diz Mellone.

A morada é a primeira obra independente desse nova-iorquino de coração – e filho do designer brasileiro Oswaldo Mellone – sob a empresa Andre Mellone Architectural Design. Aberta em 2010, a firma atendia inicialmente a encomendas de *renderings* e croquis artísticos, com os quais o profissional fez seu nome no mercado e trabalhou para empresas renomadas nos EUA, como a Robert A. M. Stern Architects e Mark Hampton LLC. Entre seus clientes, figura o estilista Ralph Lauren, para quem documentou, com desenhos, suas lojas e residências.

“Sou muito grato por tudo o que conquistei e não teria conseguido sem o apoio da minha família no Brasil, mas agora estou partindo para outra fase, a de projetos arquitetônicos e de decoração”, diz Mellone. Ele já engatilhou o próximo: a reforma de uma casa em Southampton, balneário de luxo a 148 km de Manhattan. “Minha ideia original era ficar um tempo em Nova York e voltar ao Brasil, mas ainda estou aqui”, conta ele, que adora ir ao topo do The Standard Hotel, no vizinho Meatpacking District, e admirar a vista da cidade. “Depois de todos esses anos, ela ainda me tira o fôlego.” ●